

# O MASSACRE DE GAZA DE 8 DE JULHO DE 2014 | POR JOCHEN MITSCHKA

*Posted on 9. Juli 2020*

## **Um crime cuja expiação a Alemanha está a tentar evitar.**

*Um ponto de vista de Jochen Mitschka.*

A 8 de Julho de 2014, Israel iniciou a Operação Bordadura Protectora. Os crimes de guerra cometidos no decurso desta guerra de agressão contra a Faixa de Gaza, que é militarmente muito inferior e sob constante cerco, em particular pelos soldados de ocupação israelitas, serão agora, após anos de hesitação, investigados pelo Tribunal Penal Internacional de Haia. A destruição causada pelo bombardeamento de Israel foi tão dramática que Ken Roth da Amnistia Internacional utilizou as imagens de destruição para as utilizar na sua campanha contra a Síria, alegando que eram o resultado de bombas de barril. E em 2019, as imagens foram novamente utilizadas, nomeadamente para fazer campanha numa eleição geral em que os principais protagonistas tentavam ultrapassar uns aos outros em termos da destruição que iriam infligir aos palestinianos no futuro.

Não só Israel e os EUA, mas também a Alemanha opuseram-se agora veementemente a uma tal investigação por parte do TPI. Estes países ainda estão a tentar impedir a investigação; as sanções e ameaças são provavelmente apenas o início de uma campanha contra o Tribunal. Assim, no aniversário do início do massacre, aqui ficam algumas informações sobre o mesmo.

### **Os civis como alvos**

A 22 de Dezembro de 2019, o Olho do Médio Oriente trouxe um relatório sobre a forma como os descendentes e sobreviventes em Gaza encaram as acções de Israel sob a perspectiva de um inquérito internacional.

"O TPI examinou provas relacionadas com a guerra israelita em Gaza em 2014, na qual 2.251 palestinianos, na sua maioria civis, e 74 israelitas, na sua maioria soldados, foram mortos. (...)

Os rapazes foram mortos em frente de um hotel cheio de correspondentes estrangeiros que cobriam o conflito, o que resultou em relatos em primeira mão do ataque.

"As quatro crianças queriam apanhar ar fresco após quase duas semanas de bombardeamentos intensos. Foram para a praia e jogaram guerra', recorda Ahed Bakr. "Ismail correu perto do porto de Gaza antes de ser directamente visado. Quando os outros três tentaram fugir na direcção oposta, outro ataque foi dirigido contra eles'". i

Segundo o autor, um ano após o ataque, uma investigação interna israelita sobre o incidente teria ilibado os militares da culpa e anunciado que não seriam apresentadas acusações criminais contra os membros do exército responsáveis pelo ataque.

Durante o ataque de 51 dias, as forças israelitas visaram áreas densamente povoadas e propriedade civil, incluindo organizações da sociedade civil, mercados e escolas dirigidas pela UNRWA, a agência das Nações Unidas para os refugiados palestinianos.

Uma escola de raparigas no campo de refugiados de Jabalia no norte de Gaza tinha servido de abrigo para 3.137 deslocados internos quando foi directamente atacada a 30 de Julho de 2014, matando 21 palestinianos, incluindo crianças e mulheres. O artigo explica que as pessoas que tinham procurado abrigo na escola tinham a certeza de que não seriam atacadas por se tratar de uma escola da ONU.

"O que Israel fez não é apenas um ataque que teve lugar e chegou ao fim. Ainda estamos a sofrer as consequências e viveremos com elas para sempre", diz Hijazi. "A minha filha tem dores constantes na cabeça e no pescoço, e ainda lhe retiramos estilhaços da cabeça de vez em quando, enquanto a minha neta tem tido asma grave desde que a resgatámos dos escombros'. (...) "Se querem saber o que Israel tem feito a milhões de palestinianos, devem examinar o nosso sofrimento a longo prazo". ii

Sob o título "Pequena Esperança", o artigo prossegue para explicar o desespero do povo de Gaza sobre as acções dos atacantes israelitas.

No mesmo dia em que o exército israelita atacou a Escola Jabalia, outro ataque mortal teve lugar no distrito de Shijaiya, no leste da Faixa de Gaza. Aviões e artilharia israelita tinham apontado para o telhado de uma casa civil durante um cessar-fogo no segundo dia do Eid al-Fitr, matando pelo menos 21 pessoas, na sua

maioria crianças. Uma testemunha ocular relatou que teria sido impossível para o piloto que levou a cabo o ataque não reconhecer que eram crianças a brincar.

O jovem de 28 anos, que tinha perdido o seu pai, o seu irmão e seis sobrinhos, disse que os corpos das crianças tinham sido feitos em pedaços para que não pudessem ser identificados. Abdulrahman al-Selek perdeu o seu pai, o seu irmão e seis sobrinhos num ataque israelita a um edifício residencial.

O seu irmão Mohammed, 42 anos, perdeu os seus três filhos no ataque e sofreu ferimentos que o impediram de ter mais filhos. O artigo cita-o: "Ouvi as notícias ontem, e o facto de Israel ter estado sempre acima da lei deixa-me pouca esperança de medidas concretas para compensar as vítimas. Estou satisfeito por uma organização internacional estar finalmente em movimento, mas serão realmente capazes de nos devolver os nossos direitos?" O artigo relata que ele perguntou se a comunidade internacional tinha ignorado a limpeza étnica dos palestinianos desde 1948.<sup>iii</sup>

### **Massacre num "campo de concentração"?**

A 22 de Novembro de 2019, uma entrevista de Chris Hedges com o crítico israelita judeu Norman Finkelstein espalhou-se através dos meios de comunicação social. No vídeo de 25 minutos, Finkelstein, que ele próprio pertence a uma família que esteve nos campos de extermínio nazis, fala uma linguagem clara. No anúncio da entrevista, o apresentador fala do maior campo de concentração de Gaza. Uma declaração que o teria marcado imediatamente, o correspondente de longa data do New York Times no Médio Oriente, na Alemanha, como o pior anti-semita. Ele começa a entrevista com a seguinte introdução:

"Israel mantém dois milhões de palestinianos em cativeiro e sitiados em Gaza, no maior campo de concentração do mundo. Está a utilizar os seus militares para disparar e ferir manifestantes desarmados, para destruir centrais eléctricas, escolas, clínicas, complexos de apartamentos e aldeias inteiras. Robert Piper, coordenador da ONU para as actividades de ajuda humanitária e desenvolvimento, disse em 2017 que Gaza se teria tornado inabitável há muito tempo. (...) A ONU estima que 97% da água potável em Gaza está poluída. A destruição por Israel dos planos de tratamento de águas residuais de Gaza levou a que as águas residuais não tratadas fossem descarregadas no mar. Isto contamina a costa e a praia, que é um dos

últimos "locais de refúgio" restantes para a população encarcerada. Os israelitas nem sequer isentaram o pequeno jardim zoológico de Gaza dos seus bombardeamentos, matando cerca de 45 animais em 2014 e deixando o jardim zoológico em ruínas. iv

#### **Aqui estão algumas declarações feitas por Finkelstein na entrevista:**

"(...) O padrão é que Israel diz que os árabes só entendem a linguagem da violência. Isto é realmente uma projecção do seu próprio estado mental. (...) É por isso que os israelitas têm sempre apenas uma ferramenta na caixa. E este instrumento é criar morte e destruição de uma forma maciça para forçar a população a subordinar-se. (...)» v

O moderador objectou que isto não iria funcionar, como se viu em 1956, quando israelitas foram a Gaza e mataram centenas. Depois disse que Israel admitiria abertamente o uso da força letal contra pessoas desarmadas. E mesmo 50 anos mais tarde ainda não funcionaria. Ao que Finkelstein respondeu:

"Não concordo com isso, penso que funcionou. Israel tem conseguido manter a ocupação da Cisjordânia, tal como fez com Gaza durante mais de meio século. Houve momentos periódicos de resistência por parte de Gaza. E depois Israel diz que se entra e se 'corta a relva'. As consequências para Israel são relativamente pequenas, triviais (...) poder-se-ia dizer. E então as coisas ficarão calmas novamente em Gaza durante vários anos. (...) É por isso que penso que não devemos ter demasiada esperança de que o povo tenha força para resistir. vi

Finkelstein responde ao comentário do moderador de que Israel teria sido forçado a efectuar uma limpeza étnica quando o Estado foi fundado, pois de outra forma estaria em minoria:

"... O historiador israelita Danny Morris escreve na versão alargada do seu livro 'The Birth of the Palestinian Refugee Question' ... que a ideia de transferência, e isto é apenas o eufemismo para a limpeza étnica, faz parte e é inerente à ideia do Sionismo. ... Era impossível estabelecer um Estado predominantemente judeu numa área que na altura era predominantemente habitada por palestinos árabes. ... O processo que culminou no mês passado começou literalmente no dia 70 anos atrás, quando várias centenas de milhares

de palestinianos foram retirados do território que se tornou Israel e fugiram para Gaza, ou foram levados para Gaza. E agora cerca de 70% da população de Gaza está classificada como refugiada. Assim, a primeira camada deste processo é a expulsão, a segunda camada do processo começou cerca de meio século depois, em 1967, quando Israel ocupou Gaza, e foi uma ocupação muito brutal desde o início, a maioria das atrocidades foram da responsabilidade de Ariel Sharon, e como mencionou anteriormente, tais crimes já tinham sido previstos em 1956, quando os britânicos, franceses, israelitas . Sim, como eles disseram, o julgamento começou com a invasão do Egipto, Israel ocupou o Sinai, sim, ... e em Novembro de 1956 massacres em Rafah e Khan Yunis. (...).« vii

Hedges pediu então ao Finkelstein que explicasse algo sobre o Hamas.

"Agora o Hamas representa o movimento islâmico e foi fundado na década de 1980. Em certa medida, foi construído com o apoio indirecto de Israel, deixando o Hamas em grande parte descontrolado. (...) Eles queriam criar um contrapeso contra o movimento secular, razão pela qual encorajaram indirectamente o Hamas. E gostaria de dizer que durante a primeira Intifada, penso que o Hamas foi um factor irritante porque se recusou a formar uma frente juntamente com a resistência nacional unida. viii

Hedges explicou que a primeira Intifada era, em grande parte, não violenta. No máximo, os manifestantes atiraram pedras.

"E as pedras geralmente nem sequer chegaram aos soldados. Houve apenas um soldado que foi morto por um lançamento de pedra. Mas não era realmente uma pedra. Era um bloco que tinha sido desenrolado do telhado de uma casa. E depois houve os pneus em chamas. Este foi o outro símbolo da primeira Intifada. Era simbólico. A violência não tinha qualquer significado prático". ix

Depois, o apresentador perguntou ao Finkelstein sobre 2006.

"Em 2006, o povo palestiniano estava cansado da 'representação' que era então chamada Autoridade Palestiniana. Havia fadiga generalizada (...)" x

O moderador interjeitou que Finkelstein tinha descrito no seu livro que as conversações de paz de Oslo

tinham servido para criar uma espécie de colaborador disposto a representar os interesses de Israel.

"Há também um mal-entendido sobre a forma como o processo evoluiu. O processo de Oslo foi extremamente bem sucedido (...) foi um cálculo de que se podia transformar algo que era então a Organização de Libertação da Palestina (OLP) num subcontratante para permitir que Israel tivesse mãos livres para fazer o trabalho sujo em Gaza. (...) Por isso queriam substituir isso, as tropas israelitas por uma força indígena. A OLP estava neste ponto, pouco depois da primeira Guerra do Golfo, onde cometeu o erro estratégico ou tático de dar apoio a Saddam Hussein, e como resultado os Estados do Golfo acabaram o seu apoio. Eles tinham financiado essencialmente a OLP, (...) E assim a OLP estava quebrada, e Arafat sem dinheiro era como um peixe sem água. (...)" xi

O apresentador interjeitou que nessa altura viu como "todos eles" conduziam automóveis Mercedes isentos de impostos e construía vilas na costa. Depois pediu a Finkelstein para vir ao ano 2006 e porque é que os palestinianos desarmados vêm à cerca todas as semanas, mesmo sabendo que podem ser bombardeados ou alvejados.

"Como eu disse, os palestinianos tinham-se cansado dos seus chamados representantes, a Autoridade Palestiniana. Tinha havido eleições parlamentares em Janeiro de 2006. Jimmy Carter tinha-os chamado completamente honestos e justos. Elegeram então o Hamas para o poder, não tanto porque apoiavam a agenda política do Hamas, mas porque o Hamas tinha uma reputação de ser relativamente honesto, especialmente nas suas instituições sociais. Há um bom livro sobre isto da autoria de Sarah Roy de Harvard. Ela escreve sobre as instituições sociais dirigidas pelo Hamas (...) Bem, isso mudou, à medida que cresceram, foram corrompidas. (...) Assim, uma grande parte da votação a favor do Hamas foi um voto de protesto contra a Autoridade Palestiniana. Imediatamente após terem chegado ao poder, Israel impôs punições draconianas a Gaza, sanções". xii

Os interlocutores ficaram então chateados com a quantidade de sanções, que afectaram mesmo os brinquedos das crianças. E Finkelstein explica que faria mais sentido escrever uma lista de coisas que seriam de facto permitidas para importação. Isso teria sido tão pouco, por outras palavras, o que não estaria

sujeito a sanções. Mesmo todos os tipos de especiarias teriam sido excluídos da importação, assim como chocolate, batatas fritas...

"(...) A lista foi elaborada com a intenção, e isto foi sem dúvida claro, porque os israelitas também disseram que a lista de proibições se destinava a reduzir ao mínimo o número de calorias consumidas. Para que não morressem, mas a ingestão calórica estava imediatamente acima disso. Disseram-no, e calcularam o número de calorias que cada pessoa em Gaza precisava, e calibraram o número de alimentos que eram permitidos logo acima das necessidades básicas.

Depois houve o deslocamento, a ocupação, o bloqueio brutal e depois os massacres periódicos desde 2004, desde então houve oito massacres.

A última, a Operação Borda Protectora em 2014, foi a pior de muitas operações. Para lhe dar uma noção da escala de morte e destruição que foi trazida sobre Gaza ... Peter Maurer, que é o chefe do Comité Internacional da Cruz Vermelha ... A descrição de funções de Maurer, para além das tarefas administrativas e burocráticas, inclui a tarefa de essencialmente testemunhar o que acontece nas zonas de guerra. Se procurar Peter Maurer Afeganistão no Google, pode encontrá-lo lá, ele estava no Iraque, ele estava na Síria, ele estava na República Centro-Africana, ele estava no Líbano, e foi muito claro para mim quando ele deixou Gaza após a Operação Protective Edge, ... Não foram apenas os números (...) foi o seu sentimento geral sobre o que tinha acontecido.

Ele disse que nunca antes tinha visto destruição na escala que tinha visto em Gaza. Esta é uma declaração bastante extraordinária de um funcionário que esteve na Síria, no Iraque, esteve no Afeganistão, "nunca antes vi tal destruição como a que vi em Gaza".

(...) E depois, em 2017, Robert Piper da ONU disse que estava convencido de que Gaza tinha atravessado a fronteira para a inabitabilidade há algum tempo. O que é que isso significa em termos concretos?

(...) Portanto, a quintessência para quem estiver a ouvir é que dois milhões de pessoas, mais de metade das quais são crianças, estão a ser mantidas prisioneiras numa área inabitável e estão lentamente a ser



envenenadas. xiii

O apresentador cita então um texto do livro de Finkelstein com as palavras: "Os palestinianos têm o direito simbólico de resistir simbolicamente à morte lenta, interrompida por massacres periódicos, ou cabe-lhes deitar-se e morrer? Este é o maior campo de concentração do mundo"... Depois diz que seria uma falácia assumir a existência de uma fronteira. Seria uma prisão ao ar livre, não uma unidade rodeada por uma fronteira entre Israel e Gaza. Em seguida, pergunta para onde vai levar. Finkelstein responde:

"Se perguntar o que pode ser feito, os palestinianos em Gaza respondem-nos a essa pergunta. Dizem que estamos a tentar uma resistência de massa não violenta e um dos factos desta resistência de massa não violenta é que ela não pode ter êxito sem o nosso apoio. Tal como os afro-americanos no Sul não poderiam ter conseguido a segregação por si próprios". xiv

Alemanha

Os políticos alemães, que normalmente estão sempre satisfeitos por estarem presentes quando estão em causa sanções ou mesmo bombardeamentos de Estados que alegadamente não respeitam os direitos humanos, impedem agora uma investigação dos crimes pelo Tribunal Penal Internacional. E são repetidamente legitimados por eleições para o fazerem em nosso nome.

**Fontes:**

i

<https://www.middleeasteye.net/news/some-crimes-speak-themselves-icc-probe-brings-back-raw-memories-gaza>

ii

<https://www.middleeasteye.net/news/some-crimes-speak-themselves-icc-probe-brings-back-raw-memories-gaza>

iii Ebd.

iv <https://www.truthdig.com/videos/chris-hedges-and-norman-finkelstein-on-the-future-of-gaza-video/>

v Ebd.

vi Ebd.

vii Ebd.

viii Ebd.

ix Ebd.

x Ebd.

xi Ebd.

xii Ebd.

xiii Ebd.

xiv Ebd.

+++

Graças ao autor pelo direito de publicar.

+++

Fonte da imagem: Ran Zisovitch / portadas

Referência fotográfica: Faixa de Gaza/Israel - 18 de Agosto de 2014 - tanque israelita a caminho da fronteira nos campos em redor da Faixa de Gaza durante a operação "Borda Protectora".

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



Bitcoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK